

## **Jornal Escolar: entre a assessoria e o exercício de cidadania<sup>1</sup>**

Silvio da Costa Pereira<sup>2</sup>

Flávia Silva Lima<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### **Resumo**

O Artigo relata experiência de mídia-educação realizada em escola do ensino fundamental, através de projeto de extensão, na qual o grupo de universitárias atuou inicialmente na produção de um jornal escolar, embora o objetivo final fosse levar professores e alunos a assumir o processo produtivo. O relato destaca o processo de mudança dentro da escola, a partir do entrelaçamento de acadêmicas e professores, bem como da realização de palestras e oficinas que promoveram uma formação teórica e técnica voltada para a interface entre as áreas de Comunicação e Educação. Reflete-se também sobre o papel das acadêmicas de Jornalismo na, uma vez que os objetivos iniciais de extensionistas e de professores e gestores da escola eram diferentes, até se chegar a um denominador comum.

**Palavras-chave:** Mídia-educação; jornal escolar; jornalismo.

### **Introdução**

Mídia Educação-Escolar foi um projeto de extensão, ligado ao curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que contou com a participação de uma acadêmica do curso de Pedagogia, uma do curso de Artes Visuais e quatro do curso de Jornalismo. Chegou à escola<sup>4</sup> em meados de 2011 e atuou até o final de 2012.

Para o grupo, o entendimento é de que o uso do jornal na escola configura-se um elo entre sociedade e ambiente escolar. Dessa maneira, segundo Jorge Ijuim, o jornal escolar contribui para a descoberta do conhecimento, inserindo professores e alunos na comunidade, o que pode transformar o ato de aprender e, como consequência, o de ensinar.

Com a globalização das mídias e das informações que elas produzem e reproduzem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Educação. Jornalista. Coordenador da Ação de Extensão. Email: silvio.pereira@ufms.br

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: flaviadlima2@hotmail.com.

<sup>4</sup> Escola com turmas do ensino fundamental, com atividades em tempo integral, situada em bairro da periferia de Campo Grande (MS).

a educação tem papel fundamental na construção da consciência. Para tanto, não deve omitir-se ou ignorar a onipresença das mídias no cotidiano escolar. Por isso, o grande desafio da educação do século XXI, é a mudança metodológica de suas práxis cotidiana e as relações alunos e professores, frente às novas formas de construção do conhecimento, proporcionadas pelos meios de comunicação. (CARVALHO e BUENO, 2012, p.2)

Além de ser um meio que possibilita a integração entre comunidade e escola, o jornal também pode ser um veículo de aprendizagem. Um aprender muito mais social. Entretanto, não se pode esquecer que

os objetivos da escola e das mídias são completamente diferentes, os espaços que ocupam na sociedade e no imaginário das pessoas, também. Mas, por outro lado, se poucas vezes se propõe a ensinar matemática ou geografia, os meios de comunicação estão o tempo todo transmitindo ideias, conceitos ou opiniões que influem na formação social, ética, nos valores e comportamentos das pessoas. Nesse sentido estão atuando na formação dos cidadãos. (PEREIRA, 2008, p.66)

Uma das formas mais comuns de uso de jornais na escola está ligada ao programa Jornal e Educação, promovido pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ). “O principal objetivo defendido pelas empresas ao implantarem seu Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula é o de incentivar a leitura do jornal. As empresas não escondem o interesse mercadológico” (PAROLI e ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 16). Mas utilizar os jornais apenas para incitar e estimular a leitura de seus alunos seria perder uma gama de possibilidades que esse instrumento pode trazer. Além do incentivo à leitura, é possível promover a criticidade das crianças em relação a temáticas cotidianas que vivem, potencializá-las a se fazerem ouvidas através de canais massivos e mesmo motivá-las a participar de seu próprio processo educativo.

Para Ijuim (2005, p.8), o jornal escolar não “prega um jornalismo entendido como atividade profissional, mas como exercício de cidadania”. É muito mais do que compreender quais são as normas que regem os textos jornalísticos. É introduzir os alunos ativamente na sociedade e, quando possível, inserir a comunidade no ambiente de ensino.

Como ferramenta social, o jornalismo ainda pode contribuir para uma mudança no processo de ensino que se tem hoje. “As atividades desenvolvidas para a elaboração do jornal escolar fazem com que os alunos potencializem seus pensamentos e criem a necessidade de ‘publicar’ esse pensar”. (IJUIM, 2005, p.18).

Hoje muito se fala sobre a passividade e sobre o entorpecimento mental dos receptores dos meios de comunicação, sobretudo dos jovens (SARTORI, 2001). Essa passividade pode ser uma decorrência do paradigma conservador da Educação, que faz com que os estudantes aceitem, por exemplo, como verdade, aquilo que está nos jornais ou na tv, somente por ter sido escrito ou divulgado por um jornalista, sem assumirem um posicionamento de reflexão a respeito do assunto. Reverter esse quadro implica em alterar o paradigma educacional, contando com as possíveis contribuições do uso dos meios de comunicação no ensino-aprendizagem, de modo a formar um leitor não submisso às mensagens recebidas, mas um leitor crítico com capacidade de discernimento. (PAROLI e ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 1)

O uso do jornal em sala de aula ainda poderá contribuir também para que professores e alunos compreendam de maneira mais crítica o que é publicado pelos meios de comunicação. Isso possibilita uma leitura para além do senso comum. Esse rompimento tem maiores possibilidades de acontecer quando a utilização do meio passa pela reflexão e pela produção de seus próprios conteúdos.

Fantin (2006b, p.37), citando Rivoltella, destaca que qualquer intervenção mídia-educativa deve ser compreendida (e realizada) em dois enfoques inseparáveis: a práxis educativa e a reflexão teórica. Ao usar as mídias em sala de aula sem refletir sobre esta prática junto aos alunos, corre-se o sério risco de estar realizando um mero ensino técnico (quando muito). A integração entre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a educação deve-se dar em duas dimensões indissociáveis (BELLONI, 2005, p. 9): como ferramenta pedagógica e como objeto de estudo complexo e multifacetado. Buckingham, no entanto, alerta para uma terceira dimensão fundamental do trabalho com as mídias na escola: o uso delas como veículo de expressão. “Ao enfatizar o desenvolvimento da criatividade dos jovens e sua participação na produção de mídia os mídia-educadores estão habilitando suas vozes a se fazerem ouvidas” (BUCKINGHAM, 2003, p. 14) (PEREIRA, 2008, p 57)

Para Vasconcellos (1999), reduzir distâncias entre a teoria e a prática é necessário nos processos educacionais. Dessa maneira, a produção do jornal escolar pode contribuir para que alunos e professores compreendam, interpretem, expliquem e intervenham na realidade social que os cercam.

### **Objetivos**

Assim que chegamos à escola, algumas dúvidas surgiram junto aos professores. Como seria o trabalho das acadêmicas junto aos alunos? Como professores e alunos iriam participar do projeto?

Por isso logo buscamos demarcar que a intenção do grupo não era a de formar pequenos jornalistas, mas sim possibilitar que alunos e professores fizessem leituras mais críticas dos conteúdos midiáticos, bem como veiculassem conteúdos através de seus próprios meios de comunicação. Para isso, ao longo dos meses, foi necessário promover aprendizagens junto aos professores, nosso público-alvo<sup>5</sup>. Um deles foi levar os professores a compreender que é possível se valer de jornais e outras mídias – rádio, audiovisual, blogs, fotografia, etc. – para ensinar de uma nova maneira, que não esteja centrada apenas nos livros didáticos e no professor como único detentor de conhecimento. Ao inserir, de forma crítica, o conteúdo veiculado pelas mídias, o professor pode tornar o processo educativo mais ligado à realidade local e atual e provocar o aluno para que seja um agente ativo em seu processo de aprendizagem.

Os problemas da comunidade multiplicam-se e o aluno não é preparado para lidar com eles, ficando à margem do que de fato acontece e sem qualquer instrumento para interferir: sem conteúdo, sem método e sem um conhecimento mais adequado do próprio problema. (VASCONCELLOS, 1999, p.29)

Partindo do princípio de uma possível inadequação dos conteúdos, com relação à interação entre o que se vive fora e dentro dos muros da escola, e até mesmo das metodologias usadas, percebe-se o jornal escolar como possível instrumento de integração social. O que possivelmente pode acabar com a lacuna entre a realidade social e ambiente escolar. Para Ijuim, ao aluno é dada a possibilidade de exteriorizar o pensamento, socializá-lo, motivando-o a caminhar com os próprios pés.

## **Metodologia**

Nessa escola havia espaço<sup>6</sup> para que os professores planejassem suas atividades, e nesse período era possível incluir reflexões a respeito do uso das mídias em sala de aula.

A mídia impressa foi a mais aceita pela escola, por diversos motivos. Alguns professores participavam de formação promovida pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ), através de um diário local, para o uso de jornais em sala de aula. Por meio desse programa, a escola recebia diariamente um exemplar, que circulava entre os professores, e do qual a bibliotecária separava matérias que poderiam ser usadas no trabalho junto aos

---

<sup>5</sup> Compreendemos que é primordial promover a capacitação dos professores, para que eles possam utilizar os meios que desejarem junto a seus alunos.

<sup>6</sup> Os professores tinham 13 horas semanais para planejamento individual e coletivo, mais a tarde de sexta-feira para atividades de formação (palestras, cursos, etc.)

alunos. Em função disso, o jornal impresso era um veículo com o qual todos os professores tinham grande contato. Segundo Paroli e Almeida Junior (2006), os programas voltados ao uso de jornais em sala de aula tem como ponto positivo o uso de profissionais da educação na realização de oficinas formativas junto aos professores, o que “vem resolver parcialmente a carência (lacuna) deixada na formação na graduação para lidar com as novas tecnologias como recurso pedagógico”. (p. 17). Os autores ressaltam, no entanto, que a leitura crítica, o incentivo à pesquisa e a ampliação do conhecimento não aparecem de forma satisfatória, “o que prejudica a aplicação do jornal como instrumento pedagógico enriquecedor e inovador” (p. 17).

Logo que chegamos à escola, a coordenação nos pediu a colaboração das acadêmicas de Jornalismo para a produção de um jornal escolar, que contaria com textos delas, de professores e da direção. Uma coordenadora pedagógica e dois professores logo abraçaram o projeto, deram nome e criaram um logotipo para o jornal. Outros mostravam certa resistência ou desinteresse, e não contribuíram ou demoraram muito para passar informações ao grupo de acadêmicas que iria produzir os textos e diagramar a primeira edição do jornal. A postura de escrever e montar o jornal foi necessária, mesmo não sendo a ideia inicial, isso porque ainda estávamos buscando parceiros que pudessem efetivamente contribuir para a produção do jornal.

O trabalho das acadêmicas foi direcionado para estas duas atividades (produção de texto e diagramação do jornal), porque o corpo docente da escola teve dificuldades em produzir textos não-técnicos, bem como em montar o jornal para impressão. Eles associavam os textos às notícias que liam nos jornais diários, e por isso queriam aprender técnicas jornalísticas, embora sempre falássemos a eles que a simplicidade textual era mais importante que a estrutura narrativa jornalística em si. O simples contribui para que a comunidade possa compreender o ambiente escolar, transformando a relação entre pais e professores mais próxima, bem como a relação entre professores e alunos.

A participação das acadêmicas de Pedagogia e Artes Visuais foi fundamental no sentido de promover uma tradução das atividades e termos escolares para as acadêmicas de Jornalismo. Assim, em 2011, as visitas à escola foram usadas para conhecer o modo de funcionamento e coletar material e informações para compor a primeira edição do jornal.

Havia muito conteúdo textual e fotografias. O texto precisou ser reescrito e simplificado, até para reduzi-lo de forma a viabilizar uma edição de 8 páginas A4. A principal dificuldade do grupo foi com fotos, pois se a escola as tinha em grande quantidade

porque fotografava todos os eventos e atividades realizados, faltava qualidade técnica<sup>7</sup> e foco informativo nessas imagens.

As acadêmicas se reuniam semanalmente na universidade para redigir e montar a primeira edição. Os textos eram revisados pelo professor coordenador do projeto antes de irem para a diagramação. Em uma dessas reuniões o grupo contou com a participação da coordenadora pedagógica da escola, que buscava conhecer o método de trabalho utilizado para dar forma final aos textos e informações recebidas.

Muitos professores compreendiam a presença das acadêmicas de Jornalismo na escola como uma espécie de assessoria de imprensa, o que incomodava o grupo. O projeto se propunha a ser muito mais do que isso, pois desejávamos inserir alunos, professores e gestores no processo de criação e produção do jornal. Por isso era importante que os professores compreendessem que se fossem sujeitos ativos nesse processo o resultado seria mais rico do que simplesmente nós fazermos o jornal para eles. Tirar o professor da zona de conforto de ter alguém que pudesse dar “rosto e vida” ao jornal, além de torná-lo mais presente no que seria impresso, contribuiria para relacionar comunidade e escola de maneira mais efetiva. Bem como, garantiria a existência do jornal, mesmo quando o grupo da UFMS deixasse de frequentar o ambiente escolar.

Mas 2011 foi o ano de chegada do grupo à escola, e isso implicou em que boa parte do tempo foi investida em conhecer e se fazer conhecido. Além disso, o fato de que as atividades iniciaram apenas na metade do ano<sup>8</sup> levou-nos a ter pouco tempo para promover uma nova forma de encarar o jornal entre os professores. Por isso decidimos fazer a primeira edição 'por' eles, mas sempre apontando que desejávamos trabalhar 'com' eles.

Isso tudo fez com que em 2011 só conseguíssemos fechar uma edição do jornal. Também não foi possível promover oficinas junto aos professores por falta de espaço na agenda do processo formativo das sextas-feiras.

Após o fechamento e publicação da primeira edição passamos por um pequeno incidente. Uma informação publicada estava incorreta. O texto dava mérito a uma professora pela realização de uma atividade feita por outra. Isso atuou como um divisor de águas, pois muitos professores vislumbraram que poderiam não apenas evitar erros, mas produzir informações próprias, se conseguissem fazer um jornal escolar sem intermediários.

---

<sup>7</sup> A maioria das fotos era feita em baixa resolução, o que inviabilizava o uso em material impresso. Havia também problemas com fotos muito escuras, tremidas, com partes do corpo cortadas e sem foco na ação desenvolvida (a maioria eram fotos posadas).

<sup>8</sup> O projeto demorou para ser aprovado na Universidade, e quando isso aconteceu, precisamos ainda esperar autorização do início das atividades na escola, pela Secretaria Municipal de Educação.

Assim, 2011 fechou com um saldo positivo. A escola já conhecia o grupo, e o grupo já conhecia a escola, seu modo de trabalho e seus professores. Uma edição do jornal havia sido impressa (500 cópias, em preto e branco, com 8 páginas A4), e muitos professores estavam motivados para a continuidade do processo.

O retorno em 2012 mostrou que havíamos perdido um professor bastante engajado no processo, que se transferiu para outra escola. Apesar do susto, vimos que aqueles que não participaram do jornal em 2011 agora se mostravam empolgados quando falavam da primeira edição. Assim, já no início do ano letivo, propusemos um processo formativo para os professores, de forma a buscar levá-los a assumir a produção do jornal.

Das necessidades dos professores surgiu a oportunidade de realizar uma palestra sobre mídia-educação e três oficinas: produção de texto jornalístico, fotografia com câmeras compactas e montagem de jornais.

A partir da palestra, realizada na semana que antecedeu o início das aulas na escola, diversos professores criaram projetos que usavam, produziam ou discutiam o uso de mídias. Mas como nosso foco era o jornal e não tínhamos um grupo suficiente para ampliar nossa atuação, contribuímos pouco junto aos demais processos, que foram se estabelecendo ao longo do ano, em atividades com fotografia, blog e vídeos.

A primeira oficina realizada foi a de texto. Apesar de não buscarmos transformar os professores em jornalistas, trabalhamos com eles a noção de lead<sup>9</sup>, buscando a concisão e a objetividade textual. A partir desta oficina a produção textual do jornal passou das mãos das acadêmicas de Jornalismo para as dos professores e professoras, nesse momento as acadêmicas desempenhavam o papel de colaboradoras e revisoras de texto. Embora nem todos tenham se envolvido, foi criado um núcleo com alguns professores que passaram a produzir relatos sobre suas experiências em sala, nas visitas externas à escola, nas oficinas e em diversas oportunidades educativas. Alguns professores também foram se abrindo para incluir os alunos nessa noção de se comunicar com a comunidade, e passaram a propor o uso de textos dos alunos no jornal, o que era um de nossos objetivos. Notamos também que os professores passaram a interagir mais, para mostrar no jornal os trabalhos que realizavam em ambiente escolar.

Ao longo desse processo, uma professora decidiu tomar para si a responsabilidade de reunir os textos e fotos, organizar o material, distribuí-lo nas páginas e montar o jornal. Começamos a lhe fornecer noções de tratamento das imagens (basicamente

---

<sup>9</sup> Primeiro parágrafo do texto jornalístico, que busca responder resumidamente o que aconteceu, onde e quando o fato aconteceu, quem estava envolvido e porque.

reenquadramento, clareamento / escurecimento e ajuste da resolução para a versão impressa) e montagem de páginas. Optamos pelo uso de softwares livres, que rodassem em ambiente Windows (Gimp e Scribus) porque a escola não contava com softwares proprietários, e consideramos problemática a opção de utilizar um editor de textos para montar o jornal, uma vez que havia a possibilidade dele vir a ser impresso em gráfica.

Uma segunda oficina mostrou-se necessária para dividir entre mais professores as atividades de montagem do jornal. Trabalhamos o processo de diagramação usando o software livre Scribus. Ela foi possivelmente a mais distante da realidade direta dos professores, era um ambiente novo sendo mostrado, as dificuldades técnicas surgiram, mas levou alguns a observar que poderiam auxiliar no processo de montagem se já produzissem suas matérias dentro de uma página diagramada.

A terceira oficina foi de fotografia com câmeras compactas (não-profissionais), pois havia sido detectado no ano anterior que a baixa qualidade das imagens era um complicador para a produção do jornal escolar. Utilizando seus próprios celulares ou câmeras digitais, os professores receberam noções técnicas (resolução, ISO, como evitar fotos tremidas, distância máxima para uso do flash, etc.) e estéticas (enquadramento, composição, evitar elementos cortados, etc.). Trabalhou-se também a noção de que para o jornal a fotografia deveria, idealmente, trazer alguma informação, e não apenas ilustrar. E que a fotografia deve buscar transmitir uma única ideia ou sensação, de forma a evitar confusão no leitor (SOUSA, 2004).

Apesar da dificuldade causada pelo fato de que muitas fotos eram realizadas em locais escuros - e assim de difícil solução técnica para câmeras compactas -, notou-se uma melhoria na qualidade no material que passou a chegar ao jornal.

Quando a segunda edição estava montada, surgiu um novo problema: como se iria custear a impressão. Isso dependia de autorização da Secretaria da Educação, e ainda não havia sido negociado entre os gestores. Alguns meses foram necessários para sanar o entrave, o que nos permitiu abrir com os professores uma discussão a respeito de outras formas de veiculação dos conteúdos produzidos (principalmente via web, por não implicar em custos).

Com a impressão da segunda edição do jornal, com a realização das oficinas, e com todo o processo de discussão que as oficinas e a produção de materiais para o jornal geraram na escola, estávamos chegando ao nosso ponto de interesse principal: a reflexão a respeito de quais meios de comunicação seriam mais interessantes para a realização de cada

atividade pedagógica específica. Dessa maneira começávamos a introduzir a noção de que leitura, uso e produção dos meios de comunicação é uma ferramenta que pode integrar a realidade da sociedade com a realidade da escola, além da contribuição para o processo de aprendizagem do próprio aluno. Para Ijuim, o uso do jornal escolar pode trazer situações lúdicas e mudanças na rotina escolar, o que pode servir de grande motivação ao que o autor chamou de “estudo-trabalho-lazer”.

Levar o jornal a incluir em sua pauta as atividades dos alunos, bem como levar os alunos a produzirem materiais para o jornal sempre foi uma preocupação constante do grupo da UFMS, embora soubéssemos que isso não era viável de imediato, por não se constituir em um dos objetivos iniciais da escola. Por isso a insistência em sempre demarcarmos que nosso trabalho não era uma assessoria de imprensa, mas de uso pedagógico dos meios de comunicação.

### **Considerações finais**

O simples fato de se fazer um jornal escolar não provoca o rompimento entre o aprender passivo e o aprender ativo. Não é suficiente para promover a inserção plena do aluno no processo educativo. E sozinho não consegue levá-lo a se engajar em sua sociedade.

Partindo do princípio de que o papel da escola não é apenas o de repassar conteúdos, mas que pelo contrário deve levar o aluno a se constituir como ator principal de sua própria vida, fornecendo-lhe ferramentas e suporte para seu desenvolvimento social e pedagógico, podemos pensar nas mídias como colaboradoras nesse processo de construção cidadã. Por estarem totalmente inseridas no dia a dia da sociedade, devem ser estudadas, compreendidas e utilizadas em ambiente escolar.

A presença das mídias na rotina infantil traz uma nova maneira de viver, se divertir e mesmo comunicar-se. Assim, a infância contemporânea difere muito da que vivia antes da ascensão das mídias. Alguns às culpam por terem rompido o muro entre crianças e adultos, já que todos podem “beber” da mesma fonte. Outros acreditam na contribuição para a liberdade das crianças. O fato é que não se pode voltar no tempo, e é preciso compreender a relação entre as crianças e o mundo midiático. (BUCKINGHAM, 2008).

Para que isso seja possível, é importante que a relação das crianças com as mídias seja mediada pela família e pela escola, ambientes nos quais elas passam a maior parte de seu tempo. Na escola, já é possível ver um uso bastante disseminado de diversos meios de

comunicação, mas a leitura crítica e a produção de narrativas / discursos próprios ainda precisa ganhar impulso (PEREIRA, 2008).

Por isso se faz necessário levar ao corpo docente das escolas formação na interface entre as áreas de Educação e Comunicação, para que os mesmos se vejam habilitados a introduzir em suas aulas metodologias e atividades que contemplem a presença das diversas mídias existentes hoje.

Dessa perspectiva contemporânea, a mídia-educação não se limita a analisar as mídias - e muito menos a uma noção racionalista de “habilidades de recepção crítica”. Ao contrário, ela busca encorajar a participação crítica dos jovens enquanto produtores culturais por direito próprio. (BUCKINGHAM, 2007, p. 294)

Assim, a atuação tríplex - uso, reflexão e produção - se faz importante, por evitar que um único aspecto seja abordado isoladamente. A complementariedade entre tais abordagens promove uma formação mais abrangente, e traz pontos de contato importantes. A produção aliada à reflexão, por exemplo, permite que o aluno compreenda melhor as mensagens que consome. O uso aliado à reflexão permite perceber elementos que poderão ser usados ou evitados na produção de mensagens próprias. Essa triangulação fortalece a formação cidadã, e o foco não profissional do uso de mídias nas escolas.

### Referências bibliográficas

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Trad. Gilka Girardello e Isabel Orofino. Ed. Loyola. São Paulo, 2007.

CARVALHO, Cleide Aparecida Rodrigues; BUENO, Divino Alves. **Rádio Escola sem fronteiras: comunicação, educação e inovação na prática pedagógica**. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Campo Grande. 2012. Disponível em [www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0370-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0370-1.pdf). Consultado em 17/jun/2013.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. EDUSC: Bauru/SP, Ed. UFMS: Campo Grande/MS. 2005.

PAROLI, Rebeca Maria e ALMEIDA JUNIOR, João Baptista de. **Avaliação de Programas de uso de jornal em sala de aula oferecidos aos professores por empresas jornalísticas**. 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu/MG. 2006. Disponível em [www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2236--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2236--Int.pdf). Consultado em 17/jun/2013.

PEREIRA, Silvio da Costa. **Mídia-educação no contexto escolar - Mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis**. Dissertação de

Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Florianópolis. 2008. Disponível em [www.tede.ufsc.br/teses/PEED0666-D.pdf](http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0666-D.pdf). Consulta em 17/jun/2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotjornalismo: introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Ed. Letras Contemporâneas. Florianópolis. 2004.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita. **Aspectos Pedagógicos e Filosóficos da Metodologia da Problematização**. In: BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da Problematização: fundamentos e aplicações. Londrina: EDUEL, 1999. p.29-59.